

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

O que é o Brasil? Eis aqui uma pergunta, que muita gente se admirará de que a façamos: e todavia que todos os dias devera ser feita logo demanhã cedo por cada Brasileiro, e cada um dar a si mesmo a resposta adequada. Se assim fizessemos todos, de certo que o Brasil em pouco tempo não seria o que é. A philosophia antiga estabelecia como uma de suas primeiras maximas, que procurasse o homem conhecer-se a si mesmo; a politica moderna da-nos este preceito a respeito do paiz, que habitamos.

O Brasil é uma nação soberana, livre independente: seu territorio é um dos mais vastos; abraçando duas zonas, composto de grandissimas planicies e altissimas montanhas, abraça climas diversissimos, e por consequencia proprios para toda a especie de producção; e com effeito produz admiravelmente o que produz a Europa, o que produz a Asia, o que produz a America. Em quanto os povos das outras nações buscam com immenso trabalho nas entranhas da terra o ferro, e o carvão, nós calcamos nos pés oiro e diamantes: em quanto outros se afadigam por fazer plantações de pequenos arbustos, nossas florestas nos dão arvores gigantes das melhores madeiras, que conhece o mundo quer para a construcção naval, quer para outra qualquer. Mais de mil leguas de costa apresentam os melhores portos do universo; os primeiros rios do mundo lhe regam todo o seu interior. Que tão pomposa descripção! Oh! o Brasil é a nação mais feliz de todas as que habitam a superficie do globo.

Mas nessa immensa superficie apenas vivem quatro ou cinco milhões de habitantes; mas esses habitantes assim espalhados não se podem auxiliar mutuamente; e vivendo todos ou de algum commercio, ou da lavoura, a estes faltam os braços precisos para o cultivo das terras; porque uma lei, que não classificaremos, impoz fortissimas penas aos

nada de uma revolução; e durante essa minoridade soffreu tudo aquillo que costuma acompanhar as minoridades, e ainda hoje está soffrendo consequencias desse estado anormal; mas o Brasil tem uma divida espantosa; mas o Brasil tem um deficit horroroso em seu orçamento annual; mas a moeda do Brasil é papel, que vale muito menos de metade do que devera valer; mas as paixões do Brasil ainda não estão tão tranquillias, que uma provincia ainda não esteja assolada pela guerra civil, e que não sejam possiveis outros movimentos ou que pelo menos nos devamos considerar em estado de tranquillidade. Isto são verdades que todos sabem.

Sabem: porem alguém se lembra disto? nossos legisladores acaso pensam nisto? Nossos legisladores, porque é em sua mão que está o remedio: o governo é apenas executor de leis; não lhe compete fazê-las. Se se lembrassem nossos legisladores de tudo isto, por certo que não consumiriam o tempo em debates inuteis; por certo que não iriam para as camaras azedar os animos em vez de procurar socegal-os. Se quizessem o bem do paiz, não fallariam alguns duas e mais horas sem ter previamente estudado a materia, o que tão commum é em nossas assembléas: não consumiriam assim tempo, que melhor podia ser aproveitado: ou em sua casa estudariam a materia sujeita à discussão, ou se absteriam de fallar, ouvindo razões daquelles, que tivessem estudado para formar depois o seu juizo.

Nossa industria é nulla; nosso commercio está nas mãos dos estrangeiros; nossa lavoura soffre a prunera de suas necessidades: — não tem braços. E como se procura mudar esta situação, tornando-a mais prospera? Que projectos apresentam ahi os representantes da nação? Nem um só. E quando o governo apresenta alguma ideia, que possa vir a ter algum bom resultado, são tantos os empecilhos que por fim ou o projecto morre phytico, ou são tantas as exerecencias, que melhor fora fazel-o cahir logo.

Porque é preciso concordar: uma lei má é melhor

é que nada façam; não irá mais uma lei para a collecção, que em pouco tempo deve ficar em desuso depois de ter feito muy graves males. Uma lei incompleta pôde tolerar-se, porque por um modo ou por outro lá se vão supprindo as suas lacunas; mas uma lei com partes repugnantes entre si, que para executar uma é preciso violar outra, é o maior mal que pôde fazer o corpo legislativo: antes não legislar, ou fazer leis violentissimas, com tanto que se entendam; porque o resultado da não execução de uma lei logo nos primeiros dias de seu apparecimento é acostumar o povo a olhar com desrespeito para as decisões emanadas das autoridades competentes, e por consequencia fazer perder a estas todo o prestigio e força moral sem o que não há governo possível. Nossos legisladores devem convencer-se por uma vez que não é a força physica quem mantém as sociedades; pôde um governo (e aqui entendemos todos os poderes superiores do estado) manter-se com a força physica por alguns dias; mas se a força moral o não apoiar, brevemente estará em terra. A força physica acompanha sempre a força moral: algumas vezes a força moral vem depois da força physica, mas se quando as cousas são de si tão evidentes, que a simples percepção as faz comprehender, em todos os mais casos logo que as duas forças se separam, quando se unem outra vez, é sempre a força physica, que vai procurar a força moral.

Mas voltando á materia de que tratavamos: nosso estado é pessimo, e pessissimo por causa de nós mesmos. A natureza dotou este magnifico paiz de tudo aquillo, que o pôde fazer grande; os homens tem procurado pôr péas á natureza. Alguns governos tem para isso concorrido; mas com dôr o dizemos: a maior parte de nossos males tem vindo do corpo legislativo. O systema representativo é o unico capaz de reger as nações no seculo presente: a classe mais numerosa das sociedades actuaes é bastantemente rica e bastantemente instruida para que se lhe negue parte no governo do estado: e até hoje nenhum mais se tem descoberto mais adequado, que o systema, por que somos regidos. Mas infelizmente nem todos comprehendem o systema representativo. Lá está O'Connel dando lições a todos os que querem ser chefes de opposição: dispôr a opinião publica, procurar a força moral, para depois ter a physica; sem um excesso, sem uma violação da lei: duzentas, trezentas mil pessoas se reúnem sem armas, ouvem o discurso do agitador, e retiram-se para suas casas, como se tivessem ouvido um sermão de quaresma. Nossos estadistas não tem assim entendido: nossos agitadores tem principiado por usar da força physica, certos de que não tem a moral: e como ainda estão certos, de

sa existencia politica só um exemplo temos tido em contrario: foi a revolução de 1837. A energica opposição que nesse anno se orgueo pela imprensa de um lado, e pela tribuna do outro, combateu tão vigorosamente, que sem o mais pequeno excesso, sem nem fallar em derrocar o poder, que então infelicitava a nação, fêl-o baquear, fazendo que fosse derrotado em toda a parte, onde havia luta. Digam o que quizerem os inimigos do 19 de Setembro; não poderão dizer, que a opposição, que triumphou tão brilhantemente nesse dia, o fizesse por meios illegaes.

Cuidamos que a algumas almas de boa fé poderá parecer, que as cousas não vão bem; mas a esses pedimos encarecidamente, que illustrem o paiz: meios legaes tem em abundancia. Os que assim pensarem nas camaras, discutam, como lhes permitem os regimentos de ambas ellas, muito estimamos essa luta: queremos o bom do Brasil; queremos no ministerio quem o saiba promover; pouco nos importam nomes, queremos cousas; somos da seita dos realistas, ou para nos servirmos de termo mais moderno; somos da seita dos positivistas. Mas estudem-se as materias, não se falle com completa ignorancia dellas; occupe-se o tempo em debates uteis. Ha poucos dias um deputado pela Bahia, que já foi ministro d'Estado, occupou-se muito com a lei do orçamento, e fez grandes calculos; mostrou que o imposto dos vinhos rendia menos hoje que quando mais modico, e bem assim o imposto do chá, mostrou que o imposto da aguardente de consumo rendia menos para o thesouro, que para a camara municipal. Levantou-se o ministro da fazenda, e com documentos authenticos mostrou que tudo isso era inexacto. Que lucrrou a nação, com semelhante discussão? unicamente uma cousa, saber que ha muito quem falle sem saber o que diz: o mais foi tempo gasto em pura perda. Achou esse ex-ministro, que mandando-se uma falange de empregados de repartições extinctas examinar por ahí os cartorios, e recolher as decimas de heranças e legados, que se devem ao thesouro, tão valiosa seria a arrecadação, que poderia dispensar os novos impostos: fez-se-lhe ver que já no seu tempo havia falta de dinheiro, e perguntou-se-lhe por que nessa occasião não usou dessa panacéa: não teve resposta para dar.

O Brasil carece de remedios; mas para lh'os dar é preciso estudal-o. Que diriamos nós do medico, que chamado para curar um doente, sem lhe tomar pulso, sem lhe examinar o estado da lingua, sem mais uma pergunta, fosse receitando? Não o tornariamos a chamar. Pois desses medicos politicos temos alguns.

LEI DE COLONISAÇÃO.

A discussão desta importante lei tem dado occa-

verdade que nem ao menos se tem procurado demonstrar esta proposição, mas tem sido avançada, e para muita gente é quanto basta para lhe dar credito; porque muitos homens só leem as sentenças proferidas em tom dogmatico sem se importar com as razões, que as podem apoiar ou destruir. E' mesmo de ordinario o meio de produzir maior impressão. Ora porque é que a lei de colonisação fará mais bem ao Rio de Janeiro, que ás outras provincias do Imperio?

Difícil será encontrar hoje nesta provincia uma legua de terreno devoluto pela forma que exige a nova lei, isto é, que nem tenha sido dado de sesmaria, nem se ache occupado. E se a não houver, não terá o governo nos terrenos devolutos á sua disposição para vender, e a respeito della as coisas ficarão como no antigo estado. E ainda que existam esses terrenos, sendo o valor das terras nesta provincia muito superior ao das terras das outras, qualquer lote, que o governo ponha á venda será muito mais caro, que em outros lugares mesmo beira mar; e por isso será de presumir que os colonos preferam esses outros mais baratos.

Qual será o motivo de se querer sempre estabelecer uma linha de odiosidade entre a provincia do Rio de Janeiro, e as outras provincias do Imperio? Que ciúme é este? Nós do Rio de Janeiro fazemos quanto podemos para nos fraternisarmos com todo o Brasil; não nos custa qualidade alguma de sacrificios: e todavia sempre somos olhados com ciúme, sempre se nos diz que curamos mais de nós que dos outros. Esta provincia dá apenas dez deputados á Assembléa geral; de mais de cem é ella composta, e por consequencia mais de noventa votos, (ou perto, attentas as faltas) se podem erguer contra os pobres dez; quem ousaria submeter á discussão um projecto, que promovesse o bem desta provincia com detrimento das outras? E por ventura o colicelho d'estado, onde o projecto foi elaborado e discutido, consta de maior numero de filhos do Rio de Janeiro, do que de outras provincias?

Tem o Rio de Janeiro prosperado porque a natureza lhe deu para isso proporções extraordinarias, collocando-o em uma das mais provaveis posições do globo; porque os habitantes desta provincia tem cuidado nos seus verdadeiros interesses, não se mettendo em rusgas, não fazendo rebelliões, esperando tudo do tempo e da lei, quando as coisas não vão conformes com os seus desejos. Porque se não faz o mesmo nas outras provincias do Brasil? O Rio Grande crescia espantosamente, quando o genio do mal lembrou a Bento Gonçalves que devia arvo- rar o pendão da revolta: Pernambuco ainda não ha muito era citado como o modelo das outras provincias; e se hoje alguns sustos tem havido por essa importante porção do Imperio, aos Pernambucanos

o incendio, mas fallamos do que já existe. Quem tem a culpa dessas desordens? Somos nós os Fluminenses? Para que as promoveremos? Só se é para ter o gosto de ver o thesouso em apuros; de ver sumirem-se os capitaes empregados em nosso gyro commercial para irem ser gastos nessas provincias. Porque ninguem o ignora: logo que algum movimento apparece em alguma provincia, preparam-se armamentos no Rio de Janeiro; e pelo menos logo o governo trata de mandar dinheiro. Ora o thesouso não tem sobras, e por isso é preciso sempre obter essas quantias por emprestimo; e se não tem isso lugar immediatamente, vem a tel-o depois; porque no momento deixa-se de pagar aos empregados e credores do Estado para acudir a esses pontos ameaçados: mas depois é preciso dinheiro para esses pagamentos, que se deixaram de fazer em tempo devido, e lá vem os emprestimos. E os emprestimos recahem sobre esta capital, porque não só os capitaes nas provincias são poucos abundantes, e por isso ali produzem maior juro do que empregados em fundos publicos, como mesmo a gente de nossas provincias ainda não conhece as vantagens, que resultam de possuir esses fundos.

Ainda ha poucos dias não votou a camara dos deputados 200 contos para acudir ás desgraças da Bahia? E essa quantia não vai ser somente gasta em beneficio dos habitantes da Bahia? E todavia ninguem se lastimou por isso: ainda ha menos de dous annos ali desmoronou parte do morro do castello, e muitas casas por ali cahiram com as fortissimas chuvas, que houve nessa occasião; todavia ninguem fallou, ninguem pediu soccorros: cá nos fomos arranjando como pudemos.

Não queremos com isto dizer que esses 200 contos foram mal dados; não entramos absolutamente nessa questão: notamos sómente o facto para fazer ver que nenhuma razão ha para se erguerem queixas contra aquillo que puder promover a prosperidade desta provincia.

Mas no que mais insistimos é que o projecto de lei de colonisação actualmente em discussão, tanto attende ao bem desta provincia como ao das outras: seus autores por certo não tiveram em vista esta ou aquella parte do Imperio quando o organisaram: olharam para essa immensa superficie despovoada; olharam para nossa agricultura, que definha por falta de braços: querendo remediar males tão graves foram procurar o que outros povos tinham feito em identicas circumstancias, e apresentaram o projecto em discussão. Não é obra perfectissima, porque da mão de homens sahiu; mas emende-se competentemente, deixando subsistir a ideia capital. Um deputado pelo Pará, cujo character tem dado mostras sobejas de independencia, achou que elle ia fazer a felicidade de sua provincia; outros deputados de

Que dado que assim fosse, o que negamos, se esse bem para esta provincia podesse vir sem que fosse á custa das outras provincias, que mal viria dali? pois porque não ha de engrandecer-se o Rio de Janeiro? As vantagens que obtivesse, refluiriam em breve para suas irmãs; porque se a população for aqui em muita abundancia as terras crescerão de preço, e brevemente se irão procurar em outro lugar; se os capitaes abundarem aqui, as outras provincias com isso lucrarão, porque em suas faltas o Rio de Janeiro lhes acode, e porque os capitaes accumulados tratarão de ir procurar emprego vantajoso. Mas repetimos ainda: o projecto tanto cura do bem do Rio de Janeiro, como de todas as outras provincias do Imperio.

Não tiveramos escripto este artigo, se o nobre deputado, a quem nos referimos, tivesse dito que o resultado do projecto será todo em favor do Rio de Janeiro: não lho concederamos: mas a cada um é licito argumentar a seu modo, e tirar as consequencias segundo as premissas, que tiver estabelecido; porem não foi assim que se disse: disse-se que o fim do projecto, ou o motivo que o tinha feito apromptar era attender só ao bem desta provincia. Isto é querer envenenar intenções, quando razão não ha para tal. Os deputados do Rio de Janeiro o tem apoiado; mas tambem os de outras provincias; e não cuidamos nós que se elles achassem o menor vislumbre de sacrificio não diremos já de suas respectivas provincias mas de qualquer outra do Imperio, a uma qualquer que fosse, esta ou outra, de certo teriam procedido de outro modo.

BRINCADEIRA.

A camara dos deputados deu no dia 1.º deste mez um espectáculo bem triste. Tratava-se de eleger o primeiro secretario: appareceram mais sete votos que o numero dos membros presentes. E' claro que isto foi feito por quem queria fazer triumphar algum candidato, que tinha receios de que não reunisse votos em numero bastante. O desejo de querer fazer vencer este ou aquelle é licito; mas o meio empregado não o é; o fim não justifica os meios. Talvez alguém costumado a lançar sedulas nas urnas electoraes cuidasse que estava alli em alguma eleição parochial, e que podia despejar listas á sua vontade. Mas a fallar a verdade, o lugar é mais serio: é muito serio; e não foram para alli os deputados para brincadeiras semelhantes. O resultado foi perder-se meia hora de trabalho, porque correndo o escrutinio segunda e terceira vez, e não se podendo nunca fazer a apuração por differença entre os votos e os votantes, adiou-se a eleição para o dia seguinte. Ora, segundo os calculos do Sr. Paula Candido meia hora de trabalho de um deputado vale 5\$000: e por consequencia de noventa deputados 450\$000.

O QUE QUER O MINISTERIO.

Diz a opposição que o ministerio o que quer é viver, e que por isso quer dinheiro, venha d'onde vier, e que por isso arranjou o projecto dos impostos. Cuidamos que o argumento é contraproducente. Nada pôde mais depressa fazer cahir o ministerio, que o projecto dos impostos: são tantos os interesses feridos, que por força ha de haver descontentes. Se o ministerio só quizesse viver, occultaria o desgraçado estado do thesouro; iria vivendo com o credito que lhe foi dado, e acabado elle, pediria outro. O ministerio quer alguma cousa, que não é viver: é trabalhar pela prosperidade do paiz.

CHÁ.

O Sr. Galvão, ex-ministro do imperio, não quer direitos sobre o chá estrangeiro, porque o nosso chá ainda não é tanto, que possa bastar para o consumo. Pobre homem! E como é que se animam os lavradores a cultivar tanto, que possa bastar para nossas necessidades? não é facilitando-lhe boa venda? E a boa venda facilita-se augmentando o preço do estrangeiro. Basta a prevenção que ainda existe contra o chá do Brasil para por algum tempo ainda o arredar do mercado. Pois será tao pouco se favorecendo este ramo de agricultura chegarmos a obter chá para o nosso consumo, dispensando este imposto, que pagamos ao estrangeiro? E se depois o pudermos exportar? Ah! Sr. Galvão: o chá é um dos objectos, que hoje deve merecer mais attenção e favor.

COITADINHO!

O Sr. Peixoto de Brito declarou que não fallava no orçamento por ser da opposição, e não ter esperanza de ver abraçar as suas opiniões. Coitadinho! Pois não sabe que a opposição deve procurar espalhar suas ideias a fim de que sendo conhecidas, possam ser aprovadas e apoiadas pela opinião publica?

Mas terá ideias o Sr. Peixoto de Brito? Se forem como a de, com economias, em menos do cinco annos pôr o exercito e armada capaz de servir de modelo na Europa e na America, de certo que será melhor que as guarde. . . . Mas não, não: será bom que as expendá para que nos possamos rir alguma cousa.

AVISO.

Os Srs. redactores de jornaes, que os quizerem trocar com nosco, podem mandar a esta typographia, declarando, onde querem que se lhes faça a